Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

ORIENTE MÉDIO

Fome intensifica o horror em Gaza

Secretário-geral da Organização das Nações Unidas denuncia aumento da desnutrição no território palestino e acusa Israel de provocar destruição sem precedentes na história recente. Jornalistas relatam exaustão por falta de comida

» RODRIGO CRAVEIRO

AFP

Pais do garoto Abdul Jawad Al-Ghaiban, 14 anos, diante do corpo do filho, morto de fome em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza

Morto aos 14 anos, Abdul Jawad Al-Ghalban está envolto em uma mortalha branca, no chão do Hospital Nasser, em Khan Yunis, cidade no sul da Faixa de Gaza. A fome castigou o garoto, reduzindo-o a um conjunto de ossos e pele. Calados, os pais de Abdul observam o que restou do filho. Pouco antes, um fotógrafo da agência de notícias France-Presse registrou o momento em que um médico limpou o corpo de Abdul, no necrotério do hospital. Mais ao norte, na Cidade de Gaza, o médico Mohamed Abu Salmiya, diretor do Hospital Al-Shifa, revelou que, desde domingo passado, 21 crianças morreram de desnutrição e de fome no estabelecimento e nos hospitais Nasser (Khan Yunis) e dos Mártires de Al-Aqsa (Deir el Balah).

O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, condenou a rápida deterioração da crise humanitária. "Basta olhar para o horror que se desenrola em Gaza, com um nível de morte e destruição sem precedentes na história recente. A desnutrição está aumentando. A fome bate em todas as portas", advertiu, durante reunião do Conselho de Segurança.

Nos centros de distribuição de ajuda, multidões famintas correm com panelas nas mãos, em busca de um pouco de alimento. Algo ao que o repórter fotográfico Abood Abu Salama não tinha acesso havia 72 horas, quando falou ao **Correio**, na tarde de ontem. "Não me lembro exatamente de quando comi pela última vez. Mas foi um único pedaço de pão, creio que no sábado", relatou. "Não há nada para comer. A fome está consumindo meu corpo e meu coração."

Enquanto registrava as imagens da guerra, nesta terça-feira, ele desmaiou e precisou ser levado até o hospital. "Há tanta coisa a dizer — tanta dor, tristeza profunda, opressão avassaladora e fome crescente. A fome dentro de cada um de nós aumenta a cada dia", comentou Abu Salama, por meio do WhatsApp. Assim como ele, outros jornalistas palestinos, inclusive da agência France-Presse (AFP), relatam trabalhar à beira da exaustão física e mental, em meio à fome extrema e à falta de água potável.

Abu Salama confidenciou que o momento mais difícil para ele é quando precisa documentar a fome. "Meus olhos veem essas coisas pela primeira vez — coisas tão dolorosas, que fazem quebrar por dentro. Infelizmente, a morte está em todos os lugares, em cada rua, em cada esquina", desabafou. A ideia de morrer não o assusta mais. "Tornou-se um pensamento normal. Tenho testemunhado a morte tantas vezes desde o início da guerra..."

Bashar Taleb, um dos quatro fotógrafos da AFP selecionados para o Prêmio Pulitzer, sobrevive em meio aos escombros de sua casa, em Jabaliya al Nazla (norte). "Tive que interromper várias vezes meu trabalho para buscar comida para minha família", disse. A Organização das Nações Unidas (ONU) denunciou, em junho passado, o que chamou de uso da fome como arma de guerra, ao igualar a prática a crime de guerra. Por sua vez, a ONG Repórteres Sem Fronteiras (RSF) declarou que mais de 200 jornalistas morreram em Gaza desde o ataque de 7 de outubro de 2023.

Morador de Deir el Balah (centro), cidade invadida pelas forças israelenses na segunda-feira, a dona de casa Asmaa Abo Eljidian, 38 anos, contou ao **Correio** que os mais de 2 milhões de cidadãos de Gaza precisam se submeter a deslocamentos forçados e a conviver com blecautes diários. "Agora, Israel utiliza dois novos tipos de armas: a fome e a sede. Infelizmente, a situação aqui é muito ruim. Não dá para aguentar mais. Uma criança, aqui, come uma vez por dia, no máximo. É difícil uma mãe lidar com isso."

Na semana passada, o marido de Asmaa percorreu os 20km até Rafah para buscar comida. "Faço apenas uma refeição por dia, para demorar a acabar o que guardei. Há relatos de mortes por fome nos hospitais de Gaza", disse. Na sexta-feira passada, ele levou um tiro na perna ao se aproximar do centro de distribuição de ajuda, também em Rafah.

Corredor humanitário

Steve Witkoff, enviado da Casa Branca, viajará ao Oriente Médio para criar um "corredor humanitário". Porta-voz do Departamento de Estado, Tammy Bruce disse que Witkoff levará "a firme esperança de que alcancemos outro cessar-fogo assim como um corredor humanitário para que a ajuda possa fluir, que ambas as partes concordaram". Israel acusa o grupo terrorista Hamas de explorar o sofrimento dos civis, desviando ajuda para revendê-la a preços altos ou atirando contra palestinos que aguardam pelos alimentos. A ONU afirma que Israel assassinou mais de mil palestinos que tentavam conseguir comida desde o fim de maio.

Depoimento

"Todos estamos chorando"

Arquivo pessoal

"Eu fazia fotos de vítimas de massacres que chegavam ao Hospital Al-Shifa, por volta das 14h de hoje (ontem), quando comecei a sentir tontura e meu corpo tremia violentamente. Eu caí no chão, entre feridos e mortos. O médico me disse que tenho desnutrição e que meu corpo está fraco, por causa da falta de comida. Tentaram me dar um soro intravenoso para que eu pudesse prosseguir com minha rotina. Mas, até agora, quando me levanto, sinto-me tonto e, às vezes, caio involuntariamente.

Sofro de uma doença nas coronárias. O médico alertou-me que, se eu não me cuidar ou não parar de trabalhar, posso morrer a qualquer momento. No geral, essa guerra é brutal. Honestamente, todos os dias são difíceis — seja por causa dos massacres, seja por causa da fome. O pior momento é a sensação dolorosa quando você vê pessoas, especialmente crianças, chorando por comida. Isso faz-me chorar com elas. Todos em Gaza estão caindo no chão, com fome. Todos sofrem, porque não existe alimento. Eu choro, minha família chora, as crianças choram — todos em Gaza estamos chorando."

Abood Abu Salama, palestino, repórter fotográfico na Faixa de Gaza

DITADURA ESPANHOLA

Governo quer liberar dossiês

AFP

O general Franco (C) é fotografado coçando a testa durante Guerra Civil

Quase 50 anos depois da morte de Francisco Franco, o governo de esquerda da Espanha aprovou um projeto de lei para desclassificar automaticamente todos os documentos confidenciais da ditadura. O Projeto de Lei de Informação Classificada, que deverá ser submetido à aprovação do Congresso, substituirá a Lei de Segredos Oficiais adotada em 1968, durante a ditadura franquista (1939-1975). A legislação tem sido exigida há muito tempo, especialmente pelo Partido Nacionalista Basco.

"Insisto: desclassificação automática de toda a documentação classificada de mais de 45 anos, ou seja, anterior ao ano 1980", indicou o ministro da Justiça, Félix Bolaños, após um conselho de ministros. Se receber luz verde do Parlamento, a lei levantará o segredo sobre todos os documentos da ditadura franquista, mas também da Transição, o período turbulento que seguiu à morte do ditador, em 1975, e possibilitou a chegada da democracia.

O texto permitirá adaptar a legislação "aos padrões europeus" e "proporcionar maior transparência para que os cidadãos possam conhecer informações que são sensíveis", continuou Bolaños. Várias tentativas foram feitas nos últimos anos para reformar a lei de 1968. A última, iniciada em 2020 pelo governo do socialista Pedro Sánchez, não levou a nada ao dissolver o Parlamento em 2023 para dar lugar à eleição geral.

O Executivo planeja tornar públicos todos os documentos classificados com mais de 45 anos, a não ser que persista "uma ameaça à segurança nacional e à defesa" que justifique que alguns permaneçam secretos, precisou Bolaños. O texto prevê tornar a classificação de informações "excepcional" e estipula que os documentos relativos a graves "violações dos direitos humanos ou crimes contra a humanidade" não poderão ser confidenciais.

A adoção do projeto de lei pelo Executivo foi aplaudida pela Anistia Internacional, que pediu aos políticos que "deixem de lado as guerras partidárias" para permitir a aprovação no Parlamento.

DIPLOMACIA

EUA se retiram da Unesco

Alain Jocard/AFP

Audrey Azoulay, diretora-geral: "Nós nos preparamos para isso"

O governo dos Estados Unidos anunciou sua saída da Unesco, alegando que a agência cultural e educacional da ONU é tendenciosa contra Israel e promove causas "divisivas" — uma decisão sobre a qual a organização lamentou. Esta é a segunda vez que o presidente republicano Donald Trump decide pela saída da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, pela sigla em inglês) após 2018. Seu sucessor Joe Biden (2021-2025) restabeleceu a adesão dos Estados Unidos posteriormente.

A diretora-geral da Unesco, a francesa Audrey Azoulay, declarou que lamentava "profundamente" essa decisão, que será efetiva no fim do próximo ano. No entanto, "a Unesco se preparou para isso", disse, observando que "está mais bem protegida financeiramente" do que outras agências da ONU, e que a contribuição americana de US$ 75 milhões (R$ 417 milhões) anuais representa apenas 8% do orçamento total da organização.

A porta-voz do Departamento de Estado americano, Tammy Bruce, descreveu a Unesco como uma entidade que "promove causas sociais e culturais divisivas" e está excessivamente focada nos objetivos de sustentabilidade da ONU, os quais chamou de "agenda ideológica globalista". Bruce também questionou seu reconhecimento da Palestina como Estado, uma decisão que "contribuiu para a proliferação da retórica anti-Israel dentro da organização".

Depois do anúncio da decisão de Washington, o chanceler de Israel, Gideon Saar, celebrou a saída dos Estados Unidos da Unesco, "um passo necessário, elaborado para promover a justiça e o direito de Israel a um tratamento justo no sistema da ONU". "Refuto absolutamente (...) que existam preconceitos anti-israelenses ou antissemitas dentro da organização", disse Azoulay à agência de notícias France-Presse (AFP), afirmando que "esses argumentos contradizem a realidade dos esforços liderados pela Unesco, especialmente na educação sobre o Holocausto e na luta contra o antissemitismo".